

## O Retorno<sup>1</sup>

Entrevistei Thiago em São Paulo, três anos depois de ele ter retornado ao Brasil. Conversamos em português, mas, em várias ocasiões, ele usava expressões em inglês, demonstrando que seus anos na Austrália foram significativos para sua formação. Thiago tinha 18 anos e acabara de sair do ensino médio quando partiu para a Austrália para estudar no College da Hillsong. Ele estava tão entusiasmado para ir que não realizou as provas de admissão para a universidade, apesar de suas notas excelentes durante o ensino médio. Seus pais ficaram chateados com isso, mas, como seu pai era pastor e tinha a própria igreja, eles o apoiaram. Após três anos de estudo, ele seguiu outros estudantes do College da Hillsong e se matriculou em um programa de bacharelado em teologia no Alphacrucis College em Sydney. No entanto, antes do início do novo ano letivo, sua mãe pediu que retornasse. Seu pai estava doente e ela precisava dele em casa. Ao chegar à sua cidade natal no coração do Brasil, ficou claro que a igreja estava sofrendo com a ausência de seu pai. Brigas internas levaram a uma divisão que deixou a igreja com um quinto de sua congregação. A igreja precisava se recuperar, e ele se ofereceu para lidar com essa situação e implementar o que havia aprendido na Hillsong. No início, os fiéis estavam satisfeitos com a maneira que Thiago trabalhava, mas a harmonia logo deu lugar ao desgaste. Ele atribuiu essa reação aos diferentes estilos e contextos sociais das igrejas brasileiras e da Hillsong. Ele explicou que, em seu terceiro ano no Hillsong College, cursou uma disciplina chamada “Global Ministering and Culture”, onde estudou

---

<sup>1</sup> Capítulo traduzido para a língua portuguesa por Diego dos Santos Ribeiro, sob supervisão e revisão de tradução da Profa. Dra. Rozane R. Rebechi e Profa. Dra. Cristina Rocha.

“um pouco de antropologia”. Isso o fez refletir muito sobre os motivos pelos quais as igrejas pentecostais brasileiras operavam dessa maneira.

Enquanto estávamos sentados em um café no animado bairro de Vila Madalena, numa manhã ensolarada, Thiago diagnosticou os males da sociedade brasileira — um desejo insaciável por poder e dinheiro e seus privilégios, como estar acima da lei. Ele observou como esses aspectos se manifestavam nas igrejas e as transformavam em instituições desacreditadas. Ao contar a história de luta para transformar a igreja do seu pai, ele refletiu sobre os problemas que havia enfrentado desde a juventude até os conflitos que o levaram a deixar de frequentar a igreja de seu pai no ano anterior. Começou dizendo que a governança das igrejas estava muito centralizada nas mãos dos pastores. Ele atribuiu isso a um modelo utilizado pela Igreja Católica, onde o padre detém muito poder. Como muitos evangélicos neo-pentecostais no Brasil são, em grande parte, oriundos da Igreja Católica, esta é uma possível explicação. Eu também sugeriria que essa centralização de poder se deve ao carisma dos especialistas religiosos e ao autoritarismo e patriarcalismo da sociedade brasileira.

Assim como os outros com quem conversei, Thiago criticou a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Para ele, o sucesso da IURD, devido ao caráter agressivo da Teologia da Prosperidade que privilegia coisas materiais, fez com que outras igrejas copiassem seu estilo. Como o leitor pode se lembrar, para muitos pentecostais brasileiros de classe média, a prosperidade do cristianismo descolado está relacionada a um desejo de se tornar parte do Norte Global (com suas celebridades, língua inglesa, roupas descoladas, canções de adoração famosas, igrejas glamorosas e foco na graça e no voluntariado), e não na promessa de que, uma vez que você faça doações para a igreja, Deus o recompensará dez vezes mais com bens materiais. Isso, é claro, tem a ver com a posição de classe — eles e/ou seus pais já têm casa, carros e empregos, e assim almejam um estilo de vida cosmopolita. Suas doações e dízimos são para financiar os esforços missionários da Hillsong e os trabalhos de caridade no Sul Global. De fato, Thiago explicou:

Comecei a perceber que muito do que acontece nas igrejas brasileiras é influenciado pela Igreja Universal. Eu vi as decisões que meu pai tomava. Ele estava tomando decisões para encher a igreja e não para preencher [o espírito das] pessoas. É a tensão que você tem quando lidera a igreja. ‘Nossa, a igreja do pastor está cheia... O que ele está fazendo?’ Ele está fazendo exorcismo. Ele está prometendo um carro novo. Ele está prometendo prosperidade... É tentador. Porque se a igreja não está cheia, as pessoas começam a questionar seu poder, questionar para onde você está indo.

Quando Thiago menciona a necessidade das igrejas em mostrar crescimento, ele está se referindo à ideia de que uma igreja bem-sucedida é um sinal do favor de Deus. Por sua vez, as pessoas entram para as grandes igrejas porque desejam ser tão bem-sucedidas quanto o pastor e, assim como ele (na maioria das vezes é um homem), receberem o favor de Deus. Ele continuou criticando a ganância dos pastores brasileiros e seu desprezo pelos pobres:

Poucas igrejas aqui investem em justiça social. As que estão mais focadas em oferecer [doações] têm os pastores mais ricos. Valdemiro<sup>2</sup> tem um monte fazendas! O pastor da Renascer foi pego com dólares escondidos nas roupas<sup>3</sup>. Conheço alguns pastores que não declaram renda. Eles alegam que não têm renda. Eles recebem ofertas. ‘Que oferta você recebeu este mês? Um carro no valor de R\$ 17.000. E no outro mês? Um apartamento no valor de R\$ 50.000.’ E eles não pagam impostos! Isso é antiético. Eles querem estar acima da lei; eles querem levar vantagem em

---

2 Valdemiro Santiago estabeleceu a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD) em 1998, após deixar a IURD devido a um desentendimento com seu fundador, Edir Macedo. Hoje, a IMPD é uma das maiores megaigrejas do Brasil, com filiais em 27 países, segundo o site da igreja (<https://impd.org.br/igrejas>).

3 Os pastores fundadores da Igreja Renascer em Cristo foram acusados e presos por lavagem de dinheiro depois que o FBI descobriu que eles estavam contrabandeando grandes quantias para os Estados Unidos (2007).

tudo. Não é exemplar. É por isso que as pessoas se sentem magoadas com a igreja.

A maioria dos brasileiros reconheceria a frase usada por Thiago, “eles querem levar vantagem em tudo”, como uma referência ao oportunismo, à corrupção, e à falta de ética e cuidado com os outros na vida pública. A chamada Lei de Gerson foi cunhada na década de 1970 após Gerson, famoso jogador de futebol brasileiro, fazer um comercial de TV no qual ele dizia: “Gosto de levar vantagem em tudo, certo?”. O comercial de TV e o jogador foram amplamente criticados, e, desde então, a frase tem sido usada para apontar traços negativos na sociedade.

Thiago ficou mais animado quando me contou que o College da Hillsong havia preparado os alunos para retornarem para casa, alertando-os para não apontarem o dedo para o que achavam errado. “As pessoas vão ficar na defensiva e vão te achar arrogante”, alertaram os professores. Ele reforçou esse ponto citando John Maxwell, um pastor americano e autor de livros de liderança que são usados no College, como vimos no capítulo 4. “As pessoas não se importam com o que você sabe até perceberem que você se importa”, comentou Thiago. Ele então disse que o “choque cultural reverso”<sup>4</sup> foi difícil para ele. Ele estava muito animado com o que havia aprendido no College porque funcionava muito bem para o crescimento da Igreja Hillsong. Ele suspirou: “Mas o que acontece lá não é normal. O que vivemos lá é fora da curva. Quando retornamos, somos lançados de volta para o mundo real.” Mais uma vez vemos como os jovens brasileiros associam a Hillsong e a Austrália à perfeição, excelência e ao extraordinário.

---

4 Gaw (2000, p. 83–84) define o choque cultural reverso como “o processo de readaptação, reaculturação e reassimilação à própria cultura de origem após viver em uma cultura diferente por um período significativo de tempo.” Enquanto as pessoas geralmente esperam um choque cultural ao se mudarem para outros países, a maioria não espera problemas quando retorna, imaginando que suas próprias culturas e famílias permaneceram inalteradas. Gaw observa que isso pode levar a “problemas psicológicos, como problemas acadêmicos, conflitos de identidade cultural, retraimento social, depressão, ansiedade e dificuldades interpessoais”.

Para eles, Hillsong e Austrália são locais dos sonhos onde se levam vidas emocionantes, cosmopolitas, éticas e milagrosas. Desse modo, Thiago e tantos outros associam esses lugares e suas características com a modernidade, que para eles é localizada no Norte Global. Quando retornam, a vida real bate à porta: eles precisam voltar para a universidade, encontrar um emprego, lidar com uma igreja que não é tão bem-sucedida, rica, “perfeita”, ética e emocionante quanto a Hillsong.

Thiago observou que todos na igreja do seu pai queriam mudanças, mas ninguém queria ser submetido às novas regras e aos sistemas que a igreja estava adotando. “Os líderes queriam ser tratados não como exemplos [de comportamento adequado], mas como exceções.” Ele me deu alguns exemplos disso, começando com um bem simples. Lembrou que as pessoas tinham que fazer fila para comprar o almoço na lanchonete da igreja. No entanto, “O pastor entrava pela porta lateral diretamente na cozinha, pegava o almoço e saía. Até meu pai fazia isso!” Ele observou como essa atitude se tornou problemática quando ele tentou profissionalizar a igreja:

Eu tive um problema com um pastor, por exemplo. Quando o contratei, dei a ele [um documento com] a descrição do trabalho: ‘Estas são as áreas que vamos solicitar de você.’ Ele olhou para o documento e disse: ‘Não quero fazer isso; não posso fazer aquilo; e isto não vou fazer.’ Eu achei estranho. Por exemplo, eu queria a lista de músicas do mês com antecedência. E ele disse: ‘Não, Deus fala comigo enquanto eu canto.’ Eu comentei: ‘Na nossa igreja, Deus fala com você um mês antes. Deus é onisciente. Ele sabe as músicas que quer que sejam tocadas na igreja pelo resto da vida. E quero que você treine novas pessoas para liderar a adoração.’ ‘Ah, eu não me sinto à vontade fazendo isso.’ ‘E outra coisa, quero que dê aulas de música para pessoas interessadas em entrar para o grupo de adoração da igreja. Afinal, você é o pastor da igreja.’ Ele ficou chateado, levantou-se da cadeira e disse: ‘Eu não sou um pastor de adoração! Eu sou um pastor de ovelhas!’ Eu não aguentei mais; isso me deixou furioso! Eu respondi: ‘E as pessoas que tocam música são o quê? Cabras?’ Ele saiu da igreja naquele momento.

Thiago relacionou os problemas que enfrentou na igreja do seu pai com os da sociedade brasileira:

Posso fazer uma analogia entre [as atitudes no] o cenário político nacional atual e as igrejas. As pessoas desejam poder pelo poder. Não para serem capazes de fazer diferença na sociedade ou na comunidade. Isso faz parte da nossa cultura; não é o que acontece apenas nas igrejas. É como se fosse: ‘Sou juiz. Estou acima das regras’.

A avaliação de Thiago é precisa. O antropólogo brasileiro Roberto DaMatta (1979) argumentou num estudo notório que, como a sociedade brasileira é autoritária e hierárquica, as leis não são aplicadas da mesma forma para todos. Aqueles com mais poder impõem seu privilégio, perguntando àqueles que tentam fazer valer a lei: “Você sabe com quem está falando?” Eles então mencionarão sua função/profissão (ou de um membro da família), que está diretamente associada à classe social. Exemplos incluem “Sou senador”, “Sou militar” ou “Meu pai é juiz”. Mesmo o sistema judicial diferencia aqueles que têm educação superior, em grande parte dos casos das classes médias, daqueles que não têm, os pobres. Os primeiros recebem privilégios especiais, como celas individuais e prisão domiciliar, enquanto os últimos são colocados em celas superlotadas. A filósofa Marilena Chaui (2012, p. 158-161) atribui as origens do autoritarismo no Brasil à sociedade colonial baseada na escravidão, onde o privado predominava sobre o domínio público. Ela argumenta que no centro está a hierarquia familiar (com o pai no topo), onde as relações sociais são entre superiores, que dão ordens, e inferiores, que obedecem a essas ordens. No passado, assim como no presente, o papel da lei era manter os privilégios daqueles no topo enquanto desconsiderava os que estão na base. Ela também identifica um fascínio pelos sinais de poder e prestígio, como o uso de títulos por aqueles que não os conquistaram, mas os utilizam para indicar superioridade. É comum no Brasil que homens com diploma universitário esperem ser chamados de “doutor” por aqueles que os servem.

Sugiro que um sistema hierárquico, autoritário e pré-moderno baseado no poder dos homens perante a família e a sociedade pode ser facilmente comparado ao poder dos pastores em relação ao rebanho. Como mostrarei no próximo capítulo, um dos problemas que os pastores da Hillsong tiveram que enfrentar ao trazer a igreja para o Brasil foram as relações hierárquicas de dependência entre pastores e fiéis. Em contrapartida, na Hillsong e em outras megaigrejas ocidentais, grande parte da administração da igreja é feita por voluntários treinados, dos quais se espera que ajam com certo grau de autonomia. As queixas de Thiago, então, refletem os conflitos que são gerados quando a Hillsong traz um sistema neoliberal e pós-moderno de relações de poder baseado na responsabilidade individual e na autonomia do indivíduo para o pentecostalismo brasileiro.

Como esperado, Thiago analisou a desigualdade de poder na sociedade brasileira e a contrastou com uma visão positiva da Hillsong e da sociedade australiana:

Isso é o que eu mais admiro na nossa igreja na Austrália. O pastor Brian se submete à estrutura que ele criou. Ele criou a base da igreja e se inseriu nela. Ele se reporta ao conselho, aos outros pastores, aos anciãos<sup>5</sup>. Há um círculo de responsabilidade. E isso não existe aqui. Aqui, o pastor é um ditador; ele está acima de tudo. A ética de trabalho da Austrália é muito diferente da do Brasil.

---

5 Segundo o site da Hillsong, “Na igreja primitiva, anciãos eram designados para fornecer exemplo, orientação e supervisão espiritual às igrejas (Atos 14:23). O foco principal era a saúde espiritual da igreja (1 Timóteo 4:14) (1 Timóteo 5:17–22) (Tiago 5:14). Eles foram escolhidos por causa da liderança pastoral, do estilo de vida exemplar e da disposição para servir (Tito 1:5–9) (1 Pedro 5:1–5). Na Igreja Hillsong, os pastores seniores globais e a equipe de liderança nomearam 11 anciãos” (<https://hillsong.com/australia/elder-ship>). Após Houston ser afastado em março de 2022, um dos anciãos renunciou quando o grupo de anciãos foi colocado contra a diretoria global sobre o futuro da igreja (Hardy, 2022).

Ao comparar ambas as sociedades, Thiago adota o imaginário brasileiro comum em relação à Austrália como um país sem divisão de classes e, portanto, perfeito porque faz parte do “Primeiro Mundo”, a expressão que os brasileiros geralmente usam para se referir ao Norte Global industrializado<sup>6</sup>. Embora a Austrália certamente seja mais igualitária do que a sociedade brasileira, a diferenciação de classe existe e tem aumentado nos últimos 30 anos (Connell e Irving, 1980; McGregor, 2001; Sheppard e Biddle, 2017; Threadgold e Gerrard, 2022). Há casos de pessoas privilegiadas tentando ficar acima da lei (Robertson, 2015; Scheikowski, 2008). Esse imaginário se torna mais poderoso porque é espiritualizado e incorporado na megagreja australiana. Alguns anos após essa entrevista, quando os escândalos na Hillsong vieram à tona e Brian Houston foi forçado a renunciar, foi este imaginário de perfeição e a responsabilidade que os brasileiros continuaram a usar e elogiar ao apoiarem a igreja. Na visão deles, o fato de os Houstons serem demitidos da igreja que fundaram mostrou a força da ética da Hillsong, onde ninguém está acima do código de conduta. Isso não teria acontecido no Brasil, onde escândalos eram comuns nas igrejas, mas os pastores mantinham seus empregos, me disseram.

Durante os difíceis 18 meses que Thiago passou tentando mudar a igreja do seu pai, ele recebeu orientação de seus professores do College e principalmente de seu reitor. Ele trocava mensagens ou conversava com eles pelo FaceTime. Depois de retornar para o Brasil, também acompanhava a Hillsong Australia on-line, assistindo aos cultos no canal do YouTube da igreja e lendo o blog. Ele inclusive organizou reuniões presenciais com outros brasileiros que haviam retornado ao país após estudar no College e estavam um pouco perdidos. Nessas reuniões, eles se conectavam de forma virtual com o diretor, o reitor e os professores do Hillsong College. As *affordances* (ou, praticidade e funcionalidade) da internet permitiam que

---

6 Para uma boa discussão sobre a construção da Austrália como uma sociedade sem distinção de classes pelos brasileiros, veja Wulfhorst (2011).

eles estivessem de volta ao College, na Austrália, sem sair do Brasil, e, assim, continuavam fazendo parte da Hillsong e da comunidade cristã global.

Após um ano e meio, ele sentiu que não podia fazer muito mais pela igreja de seu pai. Disse que “estava se sentindo desconfortável na igreja”. Esta é uma escolha interessante de palavras quando sabemos que a Hillsong produz “sujeitos confortáveis, entusiastas e leais” (Wade e Hynes, 2013), como discutimos nos capítulos 1 e 2. Quando a Hillsong anunciou que abri-ria uma filial no Brasil, ele decidiu se mudar para São Paulo para ajudar no processo. Foi encarregado de treinar voluntários. Mas sua posição também era de voluntário: “Não é política da igreja contratar pessoas”, ele me disse<sup>7</sup>. Ele se tornou motorista de Uber para se sustentar. No entanto, foi contratado pela Hillsong para ajudar nas conferências de Los Angeles e Nova York devido às suas habilidades linguísticas e de liderança, o que mostrarei ainda neste capítulo. Quando perguntei por que ele abandonou a família e a vida em sua cidade no Brasil central, ele respondeu: “Eu sempre amei a Hillsong. Eu saí [da igreja do meu pai] porque sabia que a Hillsong era minha igreja”. Como vimos no capítulo 2, a Hillsong gera um afeto tão forte que funciona como um “mapa de significância” (Grossberg, 1992, p. 57) para os brasileiros ao se tornarem fãs. O afeto, como uma intensidade concretizada, impulsionava as pessoas a agir. Seu amor pela igreja o fez deixar para trás a família, os amigos e sua cidade e se mudar para São Paulo. Também o inspirou a planejar o retorno à Austrália para retomar os estudos e se juntar “à sua igreja” lá. Infelizmente, o valor da moeda brasileira havia caído enquanto ele estava no Brasil, e não tinha recursos suficientes para a viagem. “Mas meu coração ainda queima para voltar à Austrália. Deus sabe o que está em meu coração, e ele é fiel.” Thiago finalmente conseguiu retornar à Sydney em 2018 para concluir o bacharelado em Teologia. Ele ainda mora

---

7 Num estudo sobre a Hillsong em Amsterdã e Nova York, Klaver (2020, p. 125) observou como os voluntários desejavam se tornar funcionários em tempo integral na megaigreja, mas “na prática, a chance de realizar esse sonho é pequena, pois as funções remuneradas na Hillsong Church são muito limitadas”.

em Sydney e faz parte da congregação da Hillsong. Como podemos ver, a adesão ao Hillsong College na Austrália, quando ainda era bem jovem, mudou sua vida e ele adquiriu uma perspectiva cosmopolita. Isso fez com que sua terra natal se tornasse estranha, de modo que pudesse analisá-la como um estrangeiro, assim como antropólogos e migrantes costumam fazer.

\* \* \*

Neste capítulo, acompanho jovens brasileiros que retornam da Austrália. Apresentei essa longa narrativa sobre as frustrações de Thiago e sua própria compreensão das causas, pois ela reflete muito bem outras histórias que ouvi de jovens brasileiros. A maioria deles estava aliviada por estar de volta à casa dos pais, pois isso significava que não precisavam mais lidar com o rebaixamento de status social, precariedade, gerenciamento financeiro, fazer compras, cozinhar e limpar a casa. No entanto, é também um período de dificuldades para eles na sua igreja brasileira. Isto contrasta com pesquisas realizadas com outros repatriados brasileiros. Por exemplo, na pesquisa com jovens brasileiros de ascendência japonesa que retornavam do Japão, Baeyer (2020, p. 155) observou que “embora sentissem falta do Japão e tivessem dificuldade para se ajustar à vida no Brasil, nos espaços religiosos eles conseguiam fazer novos amigos que tinham valores e crenças semelhantes, e assim facilitar o processo de retorno”. Sheringham (2013, p. 142) também observou que, para os migrantes brasileiros que retornavam de Londres, “o apoio fornecido pela religião era muito importante, assim como havia sido em Londres, ajudando-os a enfrentar os desafios da vida lá”. No entanto, para os brasileiros que foram para a Austrália em busca de um estilo de igreja diferente, esse consolo não existia quando voltavam para casa.

Certamente, nem todos lidaram com o “choque cultural reverso” da mesma forma, pois retornavam a contextos diferentes. Mas todos tentaram mudar as igrejas com diferentes graus de sucesso. Alguns ficaram tão frustrados que deixaram suas igrejas e foram procurar outra mais alinhada com

os novos valores. Eles as encontraram entre as que faziam parte da Rede ou Família Hillsong e/ou copiavam seu estilo. Como vimos no capítulo anterior, os pastores muitas vezes participam das conferências da Hillsong e algumas igrejas financiam os estudos de jovens pastores no Hillsong College para que pudessem trazer de volta o que aprenderam. Para esses pastores, a mudança é desejável como forma de crescimento da igreja, já que o novo estilo descolado atrai os jovens. No entanto, a história de Thiago demonstra que mesmo quando alguém é chamado de volta para ajudar a revitalizar a igreja dos pais, as estruturas existentes e os contextos sociais e culturais impedem a mudança de estilo. Entre aqueles que não conseguiram encontrar uma igreja adequada, alguns tomaram a decisão de ficar desajustados.

Eu argumento que as histórias dos repatriados que deixaram suas igrejas não são apenas uma consequência da desorientação causada pela migração do retorno e pelos diferentes estilos de igreja. Isso também se deve a dois outros fatores: falta de sentir-se em comunidade e poder de ação. Como mostrei no capítulo 3, para esses jovens que viajaram para a Austrália sem suas famílias, a igreja se tornou ainda mais uma “instituição social total” ou “ambiente total” (Wade, 2015; Wellman et al., 2019), do que é normalmente o caso para as congregações de megaigrejas e para os estrangeiros. Muitos moravam em casas e apartamentos compartilhados com outros membros da igreja e sentiam que estavam vivendo como a comunidade bíblica da igreja. No entanto, ao retornarem para casa, a igreja era apenas mais uma atividade na vida das pessoas e isso foi sentido como uma perda para esses repatriados. Além disso, o trabalho como voluntários, ajudando na administração cotidiana dos cultos da Hillsong, dava-lhes mais poder de atuação do que em suas igrejas, como vimos no capítulo anterior. Em contrapartida, as igrejas pentecostais brasileiras – com sua hierarquia rígida que oferece privilégios para aqueles no topo, e papéis definidos baseados em gênero, idade e estado civil e que refletem a sociedade brasileira – impossibilitaram que eles fizessem mudanças em suas igrejas.

De modo geral, demonstro que ao retornarem ao Brasil, estes estudantes sentem um apego mais forte à Hillsong e à Austrália. À medida que

se sentem presos no Brasil, o desejo de se conectar com o Norte Global e reforçar as identidades cosmopolitas são fortalecidos. De certa forma, como aqueles no exílio, eles sentem saudades do que consideravam a vida “dos sonhos” que tinham antes. Falar inglês e viajar para o exterior são, como mostrei ao longo deste livro, formas de acumular o capital cultural usado na distinção social. Portanto, muitos mantêm contato com outros ex-alunos do College localizados em outras partes do país, e nessas interações relembram da vida na Austrália e falam inglês (ou pelo menos utilizam palavras do inglês australiano em meio ao português, como Thiago fez na entrevista). Eles também conversam on-line e visitam os amigos estrangeiros do Hillsong College que também estão de volta à sua terra natal. Como Thiago, muitos mantêm contato regular com os professores do College. Após a abertura da Hillsong em São Paulo no final de 2016, assim como Thiago, alguns deixaram as famílias para trás mais uma vez, agora para se juntarem à igreja no Brasil. É evidente que as narrativas de retorno demonstram que, na pátria, é através da Hillsong que o sentimento de cosmopolitismo é gerado, fortalecido e vivido.

## Tentando Mudar a Igreja

Muitas vezes, jovens brasileiros que estudaram ou serviram na Hillsong me contaram sobre sua frustração quando tentaram fazer mudanças em suas próprias igrejas após retornarem. Para aqueles cujos pais eram pastores, havia uma linha tênue entre serem bons filhos e lutarem para trazer mudanças que eles achavam que melhorariam as igrejas. Eles não tinham muita escolha além de permanecer e tentar mudar as coisas internamente. O leitor deve se lembrar de Paula, cuja história descrevi no capítulo 2. Depois de servir na Hillsong por um ano, ela voltou ao Brasil para descobrir que havia muito pouco que poderia mudar na própria igreja. Ela fez reuniões com líderes da igreja durante as quais compartilhou suas experiências na Austrália; escreveu uma carta ao ministério de adoração oferecendo ideias para melhorá-lo. No entanto, quando falei com ela cinco anos após

o retorno, eles não haviam implementado muito do que ela havia sugerido. Sua igreja ainda não tinha um grupo de jovens ou um pastor de jovens, como a Hillsong tem. Sua tristeza foi agravada porque os líderes da igreja não permitiam que ela liderasse o ministério de adoração, que era seu desejo, porque na época ela não era casada.

Patrícia, que estudou no Hillsong College e cujos pais eram pastores de uma igreja em uma grande cidade no estado de São Paulo, teve um pouco mais de sorte ao tentar implementar coisas que aprendeu no College. Ela percebeu que não eram apenas seus pais que ela precisava convencer para fazer mudanças:

O conselho de administração também precisa aprovar as mudanças. Eles costumam perguntar: ‘Por que você quer mudar algo que está funcionando?’ Então, não é fácil. Minha igreja mudou bastante, tendo em vista como era antes [de eu ir], mas uma coisa que eu sempre quis mudar é o púlpito com a Arca da Aliança bem ali no centro do palco. Eu disse: ‘Pessoal, não precisa disso. Coloca um púlpito portátil que possa ser deslocado para deixar o palco livre.’ Teríamos todo o palco para nós usarmos! O que acontece durante a adoração? O púlpito está no meio do palco, e metade da banda está de um lado e a outra metade do outro. Ninguém está no centro! É estranho. Mas foi uma coisa que eu não consegui mudar.

Patrícia conseguiu mudar outras coisas, principalmente porque essas mudanças já estavam ocorrendo em outras igrejas pentecostais no Brasil:

Por exemplo, há mais liberdade agora. As pessoas podem dançar e pular durante a adoração, graças a Deus! Antes, o ministério de adoração tocava usando camisa e gravata, e hoje podem tocar usando camisa polo. Não é apenas a liderança da igreja que estranha as novas atitudes. Às vezes você veste uma roupa e as pessoas perguntam: ‘Nossa, o que esse cara está fazendo no palco usando uma camiseta?’ Na Hillsong, eles tocam usando calças jeans rasgada! Estamos mudando a mente das pessoas pouco a

pouco. Precisamos mostrar que é só uma roupa; não uma coisa que influencia [nossa fé].

Para aqueles cujos pais não eram pastores, é mais fácil procurar outra igreja depois de retornarem. Carla é um destes retornados. Ela sentiu falta da “grande estrutura da Hillsong, da adoração” em sua igreja local, e também achou a teologia dos pastores “fraca”. “Eles não tinham visão, então eu não podia me submeter à igreja”, explicou<sup>8</sup>. Depois de um tempo, ela saiu e testou várias igrejas. Uma delas foi a Bola de Neve, uma megaigreja brasileira famosa pelo foco em juventude, informalidade e cultura do surfe: o altar é uma prancha de surfe, e a maioria dos seguidores tem tatuagens e piercings (Maranhão, 2013). No entanto, a visita a deixou “horrorizada”:

Não é o meu estilo. Eles gostam do reteté, entende; eles gostam de gritar. É como se estivessem tendo um ataque. As pessoas fazem todo tipo de coisas estranhas. Na Hillsong, você não vai ver ninguém perder o controle. Eu não gosto de pastores que gritam. Isso é coisa que os crentes fazem. Você não precisa gritar; eu consigo te ouvir.

Ela também discordou da duração dos cultos na Bola de Neve:

A Bola de Neve não tem controle de tempo. Louvor leva uma hora, e depois de 30 minutos eu já estou pensando: ‘Por favor! Quando é que a pregação vai começar?’ E a pregação finalmente começa, e não são quarenta minutos [como na Hillsong], ela dura uma, duas horas. Eu não aguento. Gosto que [na Hillsong] tenha horário para começar e para terminar. ‘Se você está aqui, vamos respeitar o seu tempo’. É algo muito australiano: você marca um horário e eles chegam pontualmente.

---

8 Ter uma visão é importante como um sinal de que os pastores têm discernimento espiritual. Eles são capazes de diferenciar entre o que é obra de Deus e o que é obra do Diabo. Ao aderir ao mundo dos negócios, na Hillsong, a visão também diz respeito ao estabelecimento de metas para a igreja. Todo ano, o Pastor Sênior da Hillsong apresenta sua visão para a igreja no Domingo da Visão, no início de fevereiro.

No capítulo 1, discuti como “crente” e “reteté” são usados como termos pejorativos para se referir a pentecostais pobres e às práticas de suas igrejas. O que considero digno de nota nesse caso é que Carla rejeita uma igreja que é totalmente dedicada à cultura jovem e mais alinhada com igrejas de buscadores, porque ainda retém traços das igrejas pentecostais brasileiras (gritos, perda de controle, falta de gerenciamento do tempo). Depois de muitas tentativas frustradas, Carla finalmente se estabeleceu em uma igreja que faz parte da Rede Hillsong. Ela conheceu os pastores quando eles participaram de uma conferência da Hillsong em Sydney enquanto ela estava estudando no Hillsong College. Quando ela voltou ao Brasil, eles a convidaram para visitar a igreja quando o pastor da Hillsong, Chris Mendez, veio pregar. Ela sente que a nova igreja brasileira tem “uma visão” porque estão abertos a aprender com outras igrejas mais bem-sucedidas, como a Hillsong.

Alguns que deixaram as igrejas locais não tiveram tanto sucesso quando procuraram uma igreja mais adequada e ficaram desigrejados até que a Hillsong abriu uma filial em São Paulo. Depois de estudar três anos no Hillsong College, Claudia, que conhecemos no capítulo 4, disse que estava frustrada por ser obrigada a servir no ministério infantil em sua igreja no Brasil. Ela sentia que não levava jeito para isso. Ela queria, mas não conseguiu liderar o ministério de produção de vídeos, o curso em que se formou no Hillsong College, porque, como mulher solteira, ela não podia liderar homens e mulheres. Ela procurou outras igrejas, mas os problemas de sexismo e desorganização persistiram. Como muitos outros brasileiros que entrevistei, sua frustração era tão grande que ela desistiu totalmente de frequentar a igreja. Ela fez bons amigos brasileiros e estrangeiros no College e se sentia bem por manter contato com eles nas redes sociais, nas chamadas de vídeo e nos encontros presenciais.

Assim como Thiago, quando a Hillsong anunciou que abriria uma filial em São Paulo, ela decidiu se mudar para a cidade para ser voluntária na igreja. Finalmente usaria o que havia aprendido sobre liderança para dirigir um grupo de voluntários que trabalham nas câmeras durante o culto.

No entanto, também teve que ensinar as mesmas coisas que aprendeu no Hillsong College — excelência, pontualidade, planejamento e incentivo — para a equipe de jovens brasileiros que não estudaram no College. Em um estudo sobre a Hillsong na Holanda, Klaver (2021, p. 44) observou uma situação semelhante. Os jovens estrangeiros muitas vezes sentiam que na igreja dos pais eles eram impedidos de ocupar cargos de poder porque não eram casados ou não tinham constituído família. Ela observou: “Por outro lado, eles se sentem bastante valorizados e apreciados na Igreja Hillsong quando se engajam como voluntários e têm oportunidade de chegar a cargos de liderança”.

Uma pastora brasileira de uma igreja que pertence à Família Hillsong, e que estudou com o marido no College por um ano, identificou a desigualdade de poder nas igrejas brasileiras como razão pela qual os que estão retornando sentem-se frustrados. Descreveu como, após seis meses no College, ela e o marido se tornaram líderes de recepção durante um culto na capela no complexo da sede da Hillsong. Ela explicou que, como esperavam muitas pessoas, tiveram que trazer cadeiras extras do prédio principal:

Muitos dos pastores daquele culto estavam meio que sob a nossa autoridade. Um daqueles pastores era Ben Houston, que está em Los Angeles e que é filho do Brian! Ben estava lá como todos os outros, carregando cadeiras e apontando assentos livres para que as pessoas se sentassem. Então, isso para a cultura brasileira... Temos casos de pessoas vindo aqui para a igreja... [por exemplo] um casal com quem saímos para jantar, e ele disse: ‘Não acredito que estou jantando com os meus pastores! Na minha outra igreja era muito difícil ter acesso ao meu pastor’.

Seu marido acrescentou: “Os pastores são semideuses [no Brasil]. Quando não estou pregando, estou servindo no estacionamento. E as pessoas dizem ‘Hã?!’ Porque qual é a cultura [brasileira]? ‘Meu pastor é um semideus’.” É compreensível que os brasileiros, criados numa sociedade altamente desigual e autoritária, onde poder significa estar acima das

regras e da lei (Chauí, 2012; DaMatta, 1979), achem extraordinária a atitude modesta dos pastores australianos da Hillsong. Isso é algo que Thiago também observou nas interações com pastores brasileiros na igreja do seu pai, como vimos antes. O traço igualitário da sociedade australiana pode ser explicado pelo histórico de antiautoritarismo e anticlassismo como forma de combater os costumes elitistas britânicos no novo território (Elder, 2007). O historiador Russel Ward (1992, p. 179–180) argumentou que, historicamente, o antiautoritarismo faz parte do “caráter nacional australiano”. Segundo ele,

De acordo com o mito, o ‘australiano típico’ é um homem prático, rústico em seus modos e rápido para denunciar qualquer aparência de arrogância nos outros. Ele é um grande improvisador, sempre disposto ‘a tentar’ qualquer coisa... Ele acredita que Jack [um homem comum] não só é tão bom quanto seu chefe, mas, pelo menos em teoria, provavelmente é muito melhor, e por isso é um grande ‘depreciador’ de pessoas importantes... Ele é uma pessoa ferozmente independente que odeia obsequiosidade e autoridade, sobretudo quando essas qualidades estão incorporadas em oficiais militares e policiais.

Para Ward (1992, p. 180), esse caráter nacional foi construído com características derivadas de homens rurais (“empregados rurais, vaqueiros seminômades, pastores, tosquiadores, condutores de bois, criadores de gado, vigias de fronteira e peões de fazenda”) do século XIX. A maioria deles era, de fato, presidiários irlandeses ou ex-presidiários que tiveram que lidar com oficiais britânicos na colônia. Embora Ward pinte um quadro patriarcal e histórico, e as diferenças de classe tenham crescido na Austrália contemporânea, esse mito nacional continua a afetar a forma como a nação se compreende. Kapferer (1988) argumenta que ao longo do tempo essas qualidades se traduziram nos conceitos contemporâneos de “companheirismo” (*mateship*), “igualdade de oportunidades” (*fair go*) e “autenticidade” (*true blue*) do australiano.

O proprietário da Cristãos no Exterior — a empresa de intercâmbio estudantil que envia brasileiros para a Austrália e para o Hillsong College, mencionado no último capítulo — estava bem ciente das dificuldades enfrentadas pelos clientes ao retornarem ao Brasil. Em uma entrevista na sede da empresa em Curitiba, ele explicou que os repatriados sofriam com o “choque cultural reverso”. Eles não se sentiam mais pertencentes à pátria, uma vez que seus amigos e o país haviam mudado enquanto estavam fora. Além disso, aqueles que estudaram para o ministério no exterior muitas vezes se sentiam frustrados por não conseguirem aplicar o que aprenderam nas igrejas locais. Ele me disse: “Às vezes, o pastor é muito fechado — a igreja não tem aquela ‘pegada’ — então você meio que tem que enterrar o que aprendeu. Não ser capaz de fazer nem mesmo uma pequena mudança... Isso é de fato frustrante!” Assim como Carla, um dos exemplos que ele me deu de choque cultural reverso dos brasileiros foi o gerenciamento de tempo. O cronograma preciso dos cultos da Hillsong, onde eles começam e terminam no horário exato, era importante para eles, mas não era encontrado nas igrejas locais:

Na Austrália, os estudantes [brasileiros] do Hillsong College ficam impressionados [com a pontualidade] [...] Quando é hora de começar o culto, tocam a primeira nota musical; o culto termina exatamente no horário certo, quando a última nota é tocada. Pense no choque para um cara que volta [para sua igreja] quando o serviço está começando e o pastor ainda está na porta dando as boas-vindas às pessoas que chegam atrasadas como de costume, e você nunca sabe quando o culto vai terminar! Então, eles dizem ao pastor: ‘Precisamos ter um horário para cada coisa. Precisamos organizar o culto’. E o pastor responde: ‘Não funciona assim aqui, vocês estão muito animados, mas...’

O leitor pode se lembrar que os estudantes aprenderam e admiraram a atitude da modernidade em relação ao cumprimento de horários e à disciplina do tempo, que associaram ao status de “Primeiro Mundo” da Austrália, algo também mencionado anteriormente por Carla. É essa

associação que está em jogo aqui. A forma como a Cristãos no Exterior apoia seus clientes no retorno é por meio de uma perspectiva cristã:

O choque cultural reverso é amenizado quando você entende que não é cidadão desse mundo. Você nasceu no Brasil, mas está apenas de passagem tanto pelo Brasil quanto por qualquer outro lugar aqui na Terra. Quando você se concentra na eternidade, as pessoas se tornam mais flexíveis.

Sua abordagem é relativizar as experiências profundamente culturais que os clientes têm em diferentes países e torná-las subordinadas à cultura maior e abrangente do Reino. As experiências cosmopolitas de nascer no Brasil e viver em outros “lugares na Terra” são transferidas para a grande cultura a qual todos pertencem. Essa racionalização é semelhante à dos jovens brasileiros que se sentiam perdidos e passaram pelo rebaixamento de status social na Austrália, como vimos no capítulo 3. Eles afirmaram que sua cidadania estava no Reino de Deus. No entanto, a cultura local ainda é importante. A vida na Austrália transforma a subjetividade. Lá, eles começam a enxergar a própria sociedade e a cultura pentecostal com outros olhos, como vimos anteriormente na narrativa perspicaz de Thiago.

## Tornando-se Desigrejados

Como resultado das tentativas fracassadas de encontrar igrejas brasileiras semelhantes à Hillsong, muitos que retornaram acabaram se tornando desigrejados. Roberto, que estudou por três anos no Hillsong College, me disse: “[Quando retornei], os jovens estavam deixando a igreja. A igreja era um desastre; todo mundo estava saindo porque a igreja era chata. Era como uma igreja para idosos.” Ele explicou que, dos 30 amigos que retornaram depois de servir ou estudar na Hillsong, apenas três ou quatro ainda frequentavam a igreja. Seus amigos justificaram a decisão dizendo: “É porque não encontrei uma igreja que fosse como eu”; “Tive problemas com meu pastor”; “Voltei para minha igreja, e não era nada do que eu queria e agora

estou meio perdido”; ou “Estou indo a diferentes igrejas aqui e ali.” Roberto acrescentou outro elemento importante que contribui para esta atitude dos que retornam: “Eles querem a perfeição que existe lá, mas você não vai encontrar em nenhum outro lugar.” A perfeição, como vimos, faz parte do imaginário que os brasileiros têm do Norte Global, algo que se torna real pela ênfase da Hillsong na gestão do tempo, na excelência e nos altos valores de produção dos cultos e produtos.

Essas conclusões refletem os resultados da pesquisa do Datafolha realizada com jovens brasileiros entre 16 e 24 anos em maio de 2022 (Carrança, 2022). Em todo o país, 25% destes jovens afirmou não ter religião (em comparação com os 14% entre a população adulta). Nas cidades mais populosas e desenvolvidas do país, esta percentagem é ainda maior. Em São Paulo, 30% afirmaram não ter religião, um número acima do total de protestantes (27%), católicos (24%) e outras religiões (19%) da cidade. No Rio de Janeiro, 34% não tinha religião, igualmente um número acima dos protestantes (32%), católicos (17%) e outras religiões (17%) da cidade. Assim como em outras partes do mundo, não ter religião não significa ser ateu, mas sim que têm uma religiosidade fluída e não pertencem a uma instituição religiosa. Os estudiosos atribuíram o crescimento dos “sem religião” entre os jovens a dois fatores: o declínio histórico do catolicismo e os jovens que deixaram as igrejas pentecostais. No mesmo relatório, a socióloga Regina Novaes observou:

As novas gerações de evangélicos, criados na igreja, mas que passam a ter problemas com seus pastores, por questões morais, comportamentais, por críticas políticas ou com relação à maneira de conduzir a igreja. Muitos desses jovens vão para outras igrejas, como as alternativas ou inclusivas. Mas há um outro grupo que passa a se definir através de uma palavra nova: são os ‘desigrejados’, jovens que seguem partilhando do mundo evangélico, mas que ficam sem igreja.

Em outro relatório sobre os resultados da pesquisa, o teólogo Rodolfo Capler (2022) explicou o fenômeno com estas palavras:

O perfil dos pentecostais mudou bastante. Hoje, eles desejam participar das decisões institucionais das comunidades de fé. Eles almejam ambientes mais democráticos e transparentes e são muito mais flexíveis em relação ao comportamento.

Esses fatores — o conservadorismo e autoritarismo das igrejas brasileiras e a conscientização dos jovens de um mundo maior — são semelhantes aos que levam os repatriados da sede da Hillsong na Austrália a mudar de igrejas ou se tornar desigrejados. Além disso, acredito que uma diferença nas formas sensacionais também seja uma razão importante. A falta de excelência, baixos valores de produção e profissionalismo, e cultos intermináveis em salas iluminadas não oferecem a mesma experiência corporal, emocional e espiritual que eles têm nos cultos da Hillsong.

## Fortalecendo Identidades Cosmopolitas

Glick Schiller et al. (2011, p. 402) cunharam o conceito de “sociabilidade cosmopolita” para explorar as interações cotidianas nas quais “as pessoas se reúnem no mesmo lugar ou no ciberespaço em torno de algum ponto de interesse compartilhado que não é primariamente utilitário”. De acordo com estes pesquisadores (2011, p. 402), a sociabilidade cosmopolita “consiste em formas de competência e habilidades de comunicação que se baseiam na capacidade humana de criar relações sociais de inclusividade e abertura para o mundo”. No capítulo 2, vimos como esses jovens brasileiros, que compartilhavam o sonho de se juntar à Hillsong na Austrália, se conectavam de forma ativa por meio de afetos e práticas cotidianas orientadas para identidades cosmopolitas. Eles entravam para fãs clubes dedicados à Hillsong nas redes sociais, trocavam CDs, se encontravam em shows de bandas de adoração, seguiam pastores famosos nas redes sociais,

aprendiam inglês e assim por diante. Em vez de “utilitárias”, essas reuniões e trocas eram sobre afetos, sonhos e aspirações por uma vida e uma igreja que poderiam ser diferentes.

Quando retornaram ao Brasil, eles mais uma vez exerceram práticas relacionais cotidianas de sociabilidade cosmopolita. Os repatriados me disseram que o tempo na Austrália não foi apenas um período de aprendizado sobre si mesmos e como se tornar adultos. Eles também aprenderam inglês e fizeram amizades com pessoas de todo o mundo. Enquanto a internet lhes oferecia a possibilidade de conversar diária ou semanalmente com os novos amigos, o status de classe média que tinham permitia que viajassem para ver os amigos brasileiros que moravam em outras cidades, bem como os amigos estrangeiros que comemoravam marcos em suas vidas, como casamento. Claudia observou que as amizades do College continuaram depois que ela retornou:

Por exemplo, passei férias em Florianópolis porque uma amiga minha da Hillsong estava chegando da Austrália para passar nove dias na casa dos pais dela. Acabei passando um mês na casa deles! [Depois] Fui para Curitiba para ver outro amigo que tinha morado comigo. No dia em que cheguei em Curitiba, mais quatro pessoas que também eram da Hillsong chegaram. Então acabamos vendo todo mundo o tempo todo. Por mais que pareça que você passou seis meses sem ver ninguém, você está sempre vendo alguém. [É uma] rede. E [essa rede] é ótima para desabafar as frustrações que todos nós temos.

Ao se reunir com amigos de todo o Brasil, Claudia formou uma rede de nostalgia e cuidado. Isso também fica claro na forma como os pais da amiga a acolheram por um mês inteiro como uma filha quando a própria filha retornou para a Austrália. Quando perguntei a Claudia se ela tinha sentido falta do Brasil quando morou na Austrália por três anos, ela respondeu: “Pelo contrário! Quando cheguei ao Brasil, senti mais falta da Austrália do que senti falta do Brasil quando estava lá.” Essa nostalgia

mostra a importância da experiência no exterior em sua vida e as dificuldades que encontrou ao retornar.

A rede de nostalgia e cuidado também foi o principal fator para alguns repatriados organizarem encontros mais formais entre ex-alunos brasileiros do Hillsong College e professores australianos. Essas “*reunions*” transnacionais aconteceram em várias cidades brasileiras ao longo dos anos. O fato de os retornados terem usado a palavra inglesa “*reunion*” em vez de sua correspondente em português (reunião) mostra a importância do inglês no Brasil e o papel fundamental resultante da língua na experiência desses jovens na Hillsong. Para se conectar com outros repatriados e professores australianos, eles usam uma forma híbrida. Os brasileiros iam de avião para se encontrar pessoalmente com outros brasileiros e se conectavam com a equipe do Hillsong College via *Google Hangout*. Nessas reuniões, primeiro adoravam, liam passagens da Bíblia e oravam entre si, e depois faziam uma transmissão ao vivo com a equipe australiana. Esses encontros eram organizados para que os estudantes pudessem discutir suas frustrações a respeito do choque cultural reverso e receber ajuda e estratégias da equipe do Hillsong College para lidar com esse problema. As “*affordances*” das chamadas on-line fez com que eles se sentissem copresentes na Hillsong, com seus antigos professores, e no Brasil, com os outros ex-estudantes. Anos depois, esse grupo de ex-alunos do Hillsong College formou o núcleo de voluntários quando a Hillsong abriu uma filial no Brasil, como veremos no próximo capítulo. Sheringham (2013, p. 137-138) identificou um papel semelhante da internet na sua pesquisa sobre brasileiros que retornam de Londres:

Entre os estrangeiros que retornam, o uso da internet para manter contato com a vida religiosa em Londres revela outra maneira pela qual as fronteiras entre aqui e lá, antes e depois, se tornam borradas à medida que os estrangeiros participam de um espaço religioso transnacional.

Os repatriados também mantiveram conexões com os amigos estrangeiros que fizeram no College. Por exemplo, Juliana viajou para o Alabama para ser dama de honra no casamento da melhor amiga. No casamento, havia um grande grupo de amigos dela do College vindos de todo o mundo. Depois da festa, Juliana e uma amiga boliviana do College viajaram para Miami de férias. Juliana me disse que eram “amigas para a vida toda”. Ela também disse que teria um lugar para ficar em qualquer lugar do mundo por causa dos estudantes que conheceu no College. Claramente, o College ofereceu a Juliana uma oportunidade de aprimorar suas habilidades de sociabilidade cosmopolita e estar aberta ao mundo.

Mas para Thiago, que conhecemos no começo deste capítulo, o status pós-College rendeu a oportunidade de participar da cultura de celebridades da Hillsong. Ele foi convidado para ser voluntário em “relações públicas” na primeira conferência da Hillsong em Los Angeles. Ele explicou:

Relações públicas é uma parte da nossa igreja que precisa de pessoas que já conheçam o trabalho e sejam confiáveis. Eu tinha feito isso no Hillsong College. Eu levava os principais pastores por aí; [eu levei] o cara que é o estilista do Justin Bieber. Você tem que ser profissional. Não dá para dizer, ‘Me arranja um ingresso para o show do Justin’, entende?

Ele continuou descrevendo o trabalho: “Eu tive que chegar bem antes em Los Angeles para aprender a me locomover pelo aeroporto, pela cidade etc. A conferência foi no Nokia Theater, onde eles fazem o Grammy! Eu paguei as passagens, mas eles arcaram com a acomodação e o carro.” O trabalho também envolvia proteger as celebridades da Hillsong dos fãs, uma situação semelhante ao que acontece com celebridades seculares.

Eu tinha que buscar o Carl [Lentz] e o Judah Smith e andar na frente deles, cumprimentando as pessoas que queriam cumprimentá-los enquanto eles se dirigiam para a Sala dos Convidados. Se eu não fizesse isso, eles não conseguiriam andar! No final da

conferência, as pessoas estavam enlouquecidas pedindo fotos com a Taya [Gaukrodger]<sup>9</sup>.

Recentemente, alguns alunos do Hillsong College do Norte Global e membros da congregação da Hillsong na cidade de Nova York reclamaram desse trabalho voluntário extra, chamando de exploração, como vimos no capítulo anterior. O podcast da Discovery+ “Hillsong: A Megachurch Shattered” também realizou entrevistas com jovens que serviram em Nova York e que ficavam revoltados por serem obrigados a dirigir para Lentz e outros pastores VIP pela cidade. No entanto, para Thiago e outros brasileiros, esse trabalho voluntário significava a porta de entrada para o sonho da cultura de celebridade e cosmopolitismo. O fato de Thiago pagar pelos próprios voos para fazer esse trabalho gratuitamente revela sua classe social e o investimento emocional na megaigreja. Ele também se sentia valorizado como pessoa confiável, alguém que recebeu o treinamento certo para fazer esse trabalho.

## Conclusão

Neste capítulo, vimos como a localidade ainda é importante para a expansão global do pentecostalismo. São as diferenças de estilo entre a Hillsong e as igrejas brasileiras, derivadas não apenas de um foco na idade e classe social, mas também das sociedades onde se originaram, que tornam tão difícil o retorno dos jovens brasileiros às igrejas brasileiras. As formas sensacionais da Hillsong são semelhantes às das igrejas de buscadores, como vimos ao longo deste livro. Mas o estilo organizacional e as interações cotidianas mais igualitárias que permitem que voluntários e estudantes universitários

---

9 Como mencionado antes, Carl Lentz era o pastor celebridade da cidade de Nova York na época. Ele foi demitido por ter casos extraconjugais e por mau uso dos fundos da igreja em 2020. Judah Smith, pastor sênior da Churchome, é frequentemente convidado para pregar em conferências da Hillsong e estende esse convite para o Pastor Sênior Global da Hillsong pregar em sua igreja. Taya Gaukrodger (nascida Smith) é a líder de louvor da Hillsong United.

conduzam muitas das atividades diárias da igreja, sem levar em conta gênero, idade e estado civil, estão alinhados com o igualitarismo da sociedade australiana. Durante o tempo que passam na Austrália, os brasileiros aprendem uma outra forma de ser pentecostal – buscando a excelência, sendo pontuais, tornando-se líderes enquanto voluntários, tratando os outros que são superiores como iguais. Como Meyer (2009, p. 10-11) nos lembra, esse estilo estético compartilhado “é central para os processos de subjetivação [e] modula... as pessoas em uma formação sociorreligiosa”, sobretudo quando são tão jovens e estão sozinhos em um novo país.

Eles retornam da experiência imersiva na Hillsong cheios de entusiasmo para transformar suas igrejas em exemplos positivos para a sociedade brasileira. No entanto, os pastores resistem à mudança. O estilo organizacional das igrejas brasileiras está relacionado à história e à sociedade do país, onde o poder e os privilégios geralmente estão concentrados nas mãos dos homens – pais, políticos, pastores. Aqueles cujos pais eram pastores tinham a difícil tarefa de tentar fazer mudanças sem desagradá-los. Outros deixaram suas igrejas originárias e foram em busca de uma igreja que seguisse o estilo semelhante ao da Hillsong. Muitos não conseguiram encontrá-la e se tornaram desigrejados. Para os brasileiros, há também uma dimensão ética nessa procura. Muitos dos que entrevistei viam as distinções sociais menos rígidas na sociedade australiana, a maneira como os pastores se relacionavam com eles informalmente e de uma maneira mais igualitária, e como eles eram responsáveis por suas ações, como uma maneira desejável e moral de “fazer igreja”.

Ao retornar, eles se esforçaram para manter a visão cosmopolita. Seja on-line ou offline, criaram redes transnacionais de nostalgia e cuidado. Antigos alunos e professores do Hillsong College os apoiaram durante o difícil retorno. No próximo capítulo, veremos como a Hillsong lidou com os costumes sociais brasileiros e ofereceu a esses jovens um lar ao estabelecer uma filial no país.